

A LIBERDADE DE PENSAMENTO E OS VALORES DO OCIDENTE

José Mauricio de Carvalho¹

I Introdução ou os valores de uma cultura

Os valores oferecem um contorno indispensável à vida do homem. Uma cultura é, no fundo, resultado de uma hierarquia de valores que estabelece o que se busca realizar, ou o que se pretende que presida a vida das pessoas.

Os valores de cada tempo não brotam do nada, eles formam uma espécie de tradição. Conforme observa Miguel Reale no artigo *Invariantes Axiológicas* (1991) publicado na Revista *Estudos Avançados* da USP 5(13), o valor é “resultado de uma longa experiência mundanal, à medida que o homem veio adquirindo ciência e consciência do valor em distintas esferas de sua faina histórica, no plano militar, no plano artístico e no plano econômico” (p. 136).

Todo homem nasce num espaço humano, recebe um mundo já pensado, preferências estabelecidas, procedimentos técnicos consolidados. Esse *a priori* cultural, que está na base social daquilo que Ortega y Gasset denomina de circunstância, não é uma criação atemporal. Diz Reale:

O problema do valor não pode ser posto nem proposto fora da História, pois a consciência intencional culmina sempre numa projeção ou objetivação histórica, o que desde logo suscita uma pergunta inquietante sobre a historicidade de todos os valores, ou seja, sobre a inevitabilidade de um relativismo axiológico de base historicista” (idem, p. 140).

¹ Professor do Departamento de Filosofia da UFSJ.

Quando se renovam os desafios da vida, mudam-se os procedimentos técnicos, o modo de pensar o mundo e os valores.

A história do ocidente ensina que a evolução dos valores se faz em torno de um núcleo básico, em volta de preferências que a tradição manteve e a meditação filosófica aperfeiçoou. A esse núcleo axiológico Miguel Reale denominou invariante ou constante axiológica não porque sua compreensão não se aprimore, mas porque depois de estabelecido o valor, ele permanece constante. Pessoa humana, liberdade de pensar e de se exprimir, estado de direito e democracia são exemplos de valores que o ocidente preserva e cultiva como guias norteadores da existência.

Consideremos a liberdade de pensar: ela propicia a meditação que amplia a compreensão humana. "A meditação deve acompanhar toda leitura e todo aprendizado, o que exige de alguém que antes faça investigações provisórias e, depois, ordene seus pensamentos ou os ligue segundo um método" (Kant, 1998, p. 275).

Alicerces de edificação da cultura como de uma casa, os juízos sobre o mundo e os valores sustentam o espaço do homem. Observa Reale que "o homem é o valor fonte de todos os valores porque somente ele é originariamente um ente capaz de tomar consciência de sua própria valia, da valia de sua subjetividade" (1991, p. 141). Valores são o esteio da vida do homem.

A compreensão do que seja a liberdade de pensar e manifestar contribui para o aprimoramento de um aspecto do núcleo axiológico e defende o homem das ameaças à liberdade e à dignidade, como ocorreu em virtude da inquisição religiosa e daquela promovida pelos governos totalitários nazista e comunista durante o século XX.

II A liberdade de pensar

A história ensinou que deixar pensar e exprimir livremente o que se pensa é uma das mais inteligentes e necessárias estratégias de sobrevivência da humanidade. Acostumando-se a pensar livremente é mais fácil encontrar solução para os desafios que viver sempre representa, tanto os riscos relativos ao meio natural quanto à necessidade de continuamente aperfeiçoar as bases da vida cultural. No entanto,

o pensar livre traz problemas para as instituições sociais quando se vêem questionadas. Quanto mais hermética, conservadora e/ou afastada dos valores que orientam o ideal cultural, mais elas reagem à liberdade de expressão. Assim, duas ações têm sido absolutamente necessárias desde o último século: esclarecer o significado da liberdade de expressão e combater os adversários dela. Em todos os tempos, os riscos à liberdade se renovam e o jogo político ajuda a encobri-lo. A procura isenta da verdade, a possibilidade de expressá-la sem constrangimento de governos ou organizações civis e religiosas, é ainda uma exigência. A inquisição de antontem e os totalitarismos de ontem são exemplos do que devemos evitar em defesa do homem.

Atentados contra a liberdade são extravagâncias que a história registra em quantidade e brutalidade inimagináveis. Um dos episódios mais tristes da história humana foi a inquisição religiosa promovida pela Igreja Católica na Idade Média, mas que se prorrogou em alguns países, como em Portugal, até o século XVIII. Refletir sobre um movimento organizado para punir crimes de consciência e a liberdade de pensar é deparar-se com o absurdo, um absurdo que aumenta quando descobrimos que as formas de restrição da liberdade se ampliam tanto e tão rapidamente que, em pouco tempo, são a dignidade do homem e sua integridade física, psíquica e moral que estão sob ameaça. Antes de tratarmos dessas ameaças, vejamos como entender liberdade.

III Diferença entre independência e autonomia

Aqui, tomamos liberdade de pensar no sentido consagrado por Kant (1985), isto é:

autonomia para orientar-se não apenas no espaço ou matematicamente, mas pela razão pura, dirigir o emprego dela quando, partindo de objetos conhecidos (da experiência), se ampliasse, superando todos os limites da experiência (...). Porque a razão, na determinação de sua própria capacidade de julgar, não está neste caso em condições de submeter seus juízos a uma máxima deter-

minada segundo princípios objetivos do conhecimento, mas unicamente segundo um princípio subjetivo da diferenciação (p. 76).

Essa descoberta do Iluminismo conserva ainda grande atualidade, pois é próprio de uma vida humana a capacidade de guiar-se pelo pensamento com vistas a assumir o próprio destino. De um lado, liberdade de pensar nada tem a ver com a falta de compromisso moral, pois, ao contrário do que pode parecer, a liberdade consiste na recusa em obedecer os ditames da natureza presentes em nós e na atenção dada a princípios morais; de outro lado, também não representa absoluta independência do mundo e dos outros, o que não é possível, mas autonomia para pensar.

Exploremos um pouco a diferença entre independência e autonomia. A vida humana se realiza em sociedade, o que significa que não somos solitários e que independência absoluta é impossível, “nossa individualidade não nos impede de amar, não nos fecha na amargura de uma vida sem amigos” (Carvalho, 1998, p. 97). Nossa vida não precisa ser solitária, embora a solidão ontológica seja nossa condição existencial, o que significa que nossa vida só a podemos viver nós mesmos e só nós podemos dar-lhe significação. Nossa vida se fará por nossas escolhas e pela capacidade de alterar aquilo que nos impede de viver. Isso é autonomia. Uma vida sem ela e sem superação do que nos oprime é uma vida de escravos. Assumimos, portanto, a formulação genial de Ortega y Gasset abaixo transcrita e comentada:

Em uma das passagens mais conhecidas do livro Meditações do Quixote, Ortega afirma: Eu sou eu e minha circunstância e se não salvo a ela não me salvo eu. Essa citação traduz aspecto nuclear da filosofia da razão vital, uma forma de pensar o mundo e os problemas humanos como resposta aos desafios que a vida traz (Carvalho, 2002, p. 69).

A independência da base natural onde se constitui o meio humano é impossível, mas o homem pode modificá-lo para fazer dela um ambiente menos inóspito e mais de seu próprio jeito, mas é tudo o que consegue. Autonomia é, portanto, a possibilidade de mudar a

base natural para torná-la mais agradável à vida humana.

A independência do tônus vital, da intensidade das emoções, de uma certa composição física não é possível, mas é desejável libertar-se dos complexos psicológicos, dos medos e de tudo o mais que estabelece na vida o desespero. A autonomia é a libertação desses sentimentos negativos, recalques, complexos, ideologias, doenças, fraqueza e tudo o mais que nos impede de sentir o gosto de viver.

A independência para pensar não significa fazê-lo de qualquer modo, já o dissemos acompanhando Kant. Existem regras lógicas, de linguagem e há problemas para serem resolvidos que brotam das exigências da vida. A autonomia é a liberdade frente a correntes de pensamento já constituídas, a possibilidade de pensar o mundo e a vida do seu jeito. Como afirmou Eduardo Soveral (2001): “não se pode negar a nenhum homem o direito de pensar, nem a conseqüente obrigação de buscar pessoalmente a verdade” (p. 159).

A autonomia para pensar não nos faz indiferentes aos destinos de um povo, da humanidade e de uma certa forma de avaliar as instituições, inclusive religiosas. Nossa pertença à humanidade se faz através de um povo e isso não é de pouca importância. É nesse espaço que ocorrem perseguições e intimidações que devemos procurar evitar.

IV A perseguição religiosa

A história mostra que os inimigos da liberdade não se conformam em impedir o homem de pensar livremente. Essa é sempre a primeira de outras formas de restrição. Mesmo estando orientados preferencialmente para os crimes de consciência, os tribunais da inquisição alcançaram tudo quanto aos olhos daqueles homens parecia estranho, diferente e misterioso. Anita Novinky (2002) mostra que a história do santo ofício em Portugal não fugiu à regra geral. Ela afirma:

No momento de criação do Tribunal, seu objetivo foi exclusivamente perseguir e prender os portugueses suspeitos de praticarem em segredo os rituais da religião judaica, mas gradativamente

as heresias ampliaram-se, passando a abranger também o luteranismo e o islamismo, além de crimes menores como a feitiçaria, bigamia, proposições heréticas e blasfêmias (p. 2).

O complemento do texto é ainda mais esclarecedor de como a quebra da liberdade é apenas a primeira etapa de outras formas de atentado ao homem:

Constituindo-se a maior burocracia do país, e dependendo do confisco dos réus a sobrevivência da instituição, esta precisava encontrar vítimas para manter a sua estrutura material e humana. Quando a heresia diminuía, tinha de ser recriada e reinventada (idem, p. 20).

É assim que os inimigos da consciência tornam-se adversários da integridade, inimigos da verdade, peritos na simulação, especialistas em brutalidade e em tudo o mais que espanta os filósofos e todos aqueles que procuram espontaneamente entender em que consiste e para que há a vida e como funciona o mundo. Além de tirar-lhe os bens e queimar o corpo, os inquisidores humilhavam o condenado fazendo-o vestir o sambenito, um hábito penitencial com as causas da condenação. Crimes forjados, obtidos sob tortura, denúncias anônimas, tudo que se fazia culminava num clima de terror e dificultava o exercício da filosofia.

Não é de se estranhar que tenha se tornado voz corrente a inaptidão do lusitano para a filosofia. A questão não é a falta de vocação ou de inabilidade para os assuntos do pensamento, mas da inimizade pela liberdade que resulta sempre na inimizade pela filosofia. Embora a inquisição não seja o único exemplo de perseguição religiosa, fica-nos como indicativo de como o combate à liberdade de consciência funciona como o umbral da perseguição ao homem. Por outro lado, a sobrevivência e a vitalidade da filosofia constituem sempre barreira em defesa do homem e de sua dignidade.

V A perseguição política

Na mesma linha e com os mesmos mecanismos perversos, os sistemas totalitários são também inimigos da liberdade, da verdade e da filosofia. O totalitarismo político e seus sofisticados mecanismos de controle do pensamento tornaram-se objeto de investigação filosófica nos últimos anos porque o século XX produziu brutais governos totalitários, todos empenhados na morte do homem, na extinção filosófica do indivíduo. Os governos totalitários não se satisfazem em controlar a vida pública dos cidadãos, “quer tudo deles, corpo e alma, sobretudo esta” (Barros, 1990, p. 19).

Os totalitarismos políticos oferecem idealmente a felicidade pessoal numa sociedade perfeita, mas entregam a desilusão porque não tornam o futuro expressão do que prometem. O pior é que ao avançar sobre a alma das pessoas, delas retiram o direito à intimidade, à vida privada, à possibilidade de pensar por si só. Conforme afirma Maciel de Barros:

No universo da multidão desolada do totalitarismo, todos estariam sós em conjunto e ninguém poderia recorrer ao isolamento voluntário, às horas ou dias de solidão em que o eu se renova, se reforça e aprende a valorizar o nós como uma reunião de eus autônomos (idem, p. 166).

O desenvolvimento das ciências do comportamento significa um risco enorme quando caem nas mãos dos governos totalitários porque nem precisam mais da violência, a não ser em último recurso, mas de novas formas de controle da linguagem, do pensamento e da vontade autônomas. Os totalitarismos eliminam o princípio de individuação, que é radical na vida e, com a despersonalização, criam um universo de homens sem autonomia, submetidos a rituais e doutrinas que subordinam completamente o individual ao coletivo.

VI Considerações finais

Vida humana é criação de cada existente concreto. A liberdade de pensar é parte constitutiva da possibilidade de tomar decisões. Com as escolhas, delineamos um caminho, próprio, a liberdade de pensar propicia não apenas contínuas e renovadas teorias da realidade, mas permanente busca da verdade. A vida humana não foge disso, não há como viver na mentira.

Nos tempos modernos, o ideal iluminista em especial criou a falsa expectativa quanto ao sentido da história e aos benefícios da ciência. No entanto, o Iluminismo propiciou também uma fé inestimável na possibilidade humana de encontrar uma razão para a vida, de pensar o mundo autonomamente. O Iluminismo, como outras correntes filosóficas, nos legou coisas boas e más, é preciso saber ouvir e escolher, decidir o que conservar e o que abandonar.

A conquista da autonomia pessoal continua sendo um dos grandes desafios da vida. Suplantar tudo quanto nos impede de viver nossa humanidade, inclusive de pensar por conta própria, é um desafio que permanece estimulado por todas as vezes que a liberdade de pensar foi destruída na história do homem.

Bibliografia

BARROS, Roque Spencer Maciel de. **O fenômeno totalitário**. São Paulo: EDUSP; Belo Horizonte: Itatiaia, 1990.

CARVALHO, José Mauricio de. **O homem e a filosofia; pequenas meditações sobre a existência e a cultura**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

_____. **Introdução à filosofia da razão vital de Ortega y Gasset**. Londrina: CEFIL, 2002.

KANT, Immanuel. **Que significa orientar-se pelo pensamento? Textos seletos**. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. **Manual dos cursos de lógica geral**. Campinas: UNICAMP; Uberlândia: EDUFU, 1998.

NOVINSKY, Anita. **Inquisição: prisioneiros do Brasil**. Rio de Janeiro:

ro: *Expressão e Cultura*, 2002.

REALE, Miguel. Invariantes axiológicos. *Estudos avançados*. USP, 5 (13), 131-144, set./dez. 1991.

SOVERAL, Eduardo Abranches de. **Pedagogia para a era tecnológica**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.